

Fernando Molica

Escolas cariocas explicitam suas origens

O culto ao CEP do local de nascimento é um dos muitos elementos que diferenciam escolas de samba do Rio e de São Paulo. Todas as 12 agremiações que desfilarão este ano no Grupo Especial carioca trazem sua origem geográfica carimbada em seus nomes, o que só ocorre em cinco das 14 agremiações da elite paulistana.

É complicado fazer muitas considerações só a partir desse dado, mas é evidente que a ligação das escolas do Rio com suas comunidades é bem mais ressaltada, o que indica impactos na ligação com cada área da cidade e compromissos com cada população. É impossível não associarmos os morros de Mangueira, Tuiuti e Salgueiro a suas escolas; a campeã Beija-Flor a Nilópolis.

Todas têm ligações explícitas com favelas ou áreas pobres de cidades de origem, ainda que em alguns casos essa vinculação não seja tão evidente, suplantada pela nomeação do bairro onde estão as respectivas comunidades. Mocidade Independente e

Unidos de Padre Miguel são de Vila Vintém; Unidos da Tijuca é do morro do Borel; Vila Isabel, do dos Macacos.

O fato de a maioria das favelas cariocas ter sido construída em morros, o que facilita sua identificação e delimitação, pode ajudar a explicar a necessidade de adaptação ao samba do conceito de DOC (Denominação de Origem Controlada) tão presente nos vinhos. São como movimentos complementares, ambos políticos: um grupo de sambistas frisa ser de tal comunidade; outro, afirma a origem, mas procura associá-la a um bairro ou cidade, numa tentativa de integração com o asfalto.

O CEP da ancestralidade serve também para, em parte, compensar a ausência de um CEP oficial, identificação básica de cidadania, o endereço de cada um de nós que ainda é negado a tantos moradores de favelas.

É possível que essa delimitação tenha a ver com uma disputa relacionada à própria origem do samba — quem fez primeiro,

quem faz melhor. Mas é inegável que o fenômeno reforça ligações com o local do assentamento de origem, onde está enterrado o cordão umbilical de cada uma delas.

Seria incorreto negar a relação entre escolas de samba de São Paulo com territórios determinados, mas, por lá, a ligação é bem menos explícita. A existência, no Grupo Especial deste ano, de três escolas ligadas a torcidas de clubes de futebol demonstra que uma questão territorial não tão evidenciada; nesses casos, foi preciso pegar carona na popularidade de outra paixão.

O fato de o próprio fenômeno das escolas ter sido importado do Rio ajuda, talvez, a explicar essa desassociação explícita com seus berços. O engraçado é que entre as pioneiras a ligação com a origem era mais explícita — fundada em 1935, a Primeira de São Paulo deixava evidentes a iniciativa, a georreferência e o fato de ser inspirada em outras terras (é a primeira DE São Paulo).

Essas relações não definem competência das agremiações,

mas ajudam a explicar o porquê de, no Rio, haver uma ligação tão forte entre a cidade e suas (o possessivo precisa ser enfatizado) escolas. A identificação de moradores de uma determinada localidade com uma escola da região é, por aqui, bem maior que a existente em relação a clubes de futebol de cada bairro (e olha que, no Rio, boa parte dos times mais tradicionais também explicita, nos nomes, suas origens geográficas: Botafogo, Bangu, Flamengo, Bonsucesso, Campo Grande, Olaria, São Cristóvão — outra diferença em relação a São Paulo).

O critério do umbigo não pode ser visto como determinante, mas ajuda a compreender algumas relações e permite que, com frequência, escolas usem seus assentamentos para, no passado, encontrar forças e inspiração para o presente, para bater no peito na hora de cantar o quilombo Beija-Flor e exaltar, como no caso da Mangueira, o povo banto que floresce nas vielas — gente que, às lágrimas, tanto se reconheceu no enredo.

Sérgio Cabral*

Segurança Pública

Desde que deixei o governo, em 2014, recebi sempre perguntas de pessoas curiosas com o nosso sucesso na política de segurança pública do estado.

Sempre digo que sem a construção dos pilares essenciais para a grande transformação, não há solução mágica.

Os pilares básicos são a autonomia decisória da polícia, seja ela a civil, polícia judiciária, seja a militar, polícia ostensiva. Significa não permitir a influência extra corporação na escolha dos titulares das delegacias e batalhões. Não interferir nas escolhas das promoções internas. Isso vale também para o Corpo de Bombeiros e a Secretaria de Assuntos Penitenciários e suas respectivas atribuições.

Outro pilar fundamental é a valorização dos servidores públicos

da segurança. Não há como cobrar sem haver reciprocidade. Leia-se salários dignos, boas condições de trabalho e investimento na qualificação e reciclagem dos profissionais. Além de uma estruturada política de bônus com resultados na redução dos índices criminais.

Investir na renovação de quadros e aproveitamento da experiência dos mais velhos. Concursos públicos permanentes. Integração entre as quatro áreas da segurança pública: polícia civil, militar e penal e bombeiros-militares. A interface deve ser permanente. Quanto mais entrosados, se qualifica a informação e a estratégia de ação. Melhores resultados.

Ter a infraestrutura de trabalho dos profissionais sempre em boas condições. Desde os principais equipamentos prediais aos

mais longínquos espalhados por todo o estado. Isso requer investimento permanente e manutenção de qualidade. Ter frotas modernas e mantidas por empresas terceirizadas. Não cabe nos dias atuais ter profissionais preparados para a área fim, cuidando de áreas meio, como automóveis e alimentação.

A Tecnologia da Informação passou a ser instrumento fundamental no combate ao crime. O Centro Integrado de Comando e Controle, CICC, e a Cidade da Polícia, construídos no meu período, devem receber atualizações frequentes de novas tecnologias.

A Segurança Pública é a principal política de qualquer governante nos três níveis de poder. Não é exclusividade dos estados. O governo federal e as prefeituras devem estar integrados no com-

bate ao crime. Quanto mais organizados e falando a mesma língua, mais êxito alcançaremos para dar paz ao povo brasileiro.

Segurança Pública e Direitos Humanos não são dicotômicos. Ao contrário, o fortalecimento dessas duas políticas públicas tornam mais civilizadas as sociedades. Durante 8 anos nosso governo atuou com esse pensamento. E os resultados foram de fortalecimento da cidadania.

Estamos perdendo a luta contra o crime organizado em muitas partes do país. Isso é muito grave. Só se reverte com esse passo a passo descrito nesse artigo. Qualquer coisa fora disso é enxugar gelo. E ver a situação se deteriorar a cada dia.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Mudanças no Pix

1-MUDANÇAS NO PIX. Entenda o que muda no Pix com as novas regras do BC. Medida determinou que instituições financeiras excluam chaves de pessoas e empresas irregulares na Receita. Por Matheus dos Santos. É o que o BC (Banco Central) determinou quinta-feira (6). A medida busca melhorar a segurança do sistema de pagamentos instantâneo e dificultar a operação de golpistas. Dados do BC mostram que cerca de 8 milhões de chaves Pix estão com alguma irregularidade na base de dados da Receita Federal relativa ao CPF e podem ser suspensas. Segundo a autarquia, problemas de grafia representam a parcela

mais significativa dos casos de divergência entre as bases das instituições e da Receita. 2 - O que torna um CPF ou CNPJ irregular? O CPF é suspenso quando tem informações incorretas ou incompletas no cadastro perante a Receita, e cancelado, por duplicidade ou decisão de processo. O registro também pode ser considerado nulo por fraude, e definido como falecido quando a inscrição no CPF está com data de falecimento informada. Principais fraudes e golpes com Pix. Descontos falsos: A vítima recebe uma mensagem dizendo ser de uma empresa (uma companhia de telefonia celular, por exemplo). Já o CNPJ é sus-

penso quando há inconsistência nos dados, não cumprimento de obrigações legais, domicílio no exterior ou indicio de fraude. É considerado inapto quando a pessoa jurídica passa dois anos consecutivos sem apresentar declarações contábeis. A baixa é dada quando a empresa solicita a desativação do cadastro. Um cadastro é nulo por duplicidade de inscrição municipal ou estadual. Nesses dois casos, não é possível reativar o CNPJ. 3 - Pendências tributárias e com o IR podem levar ao cancelamento da chave Pix? O BC destacou que a resolução não tem relação com o pagamento de tributos, apenas com a identificação cadastral

do titular do registro na Receita Federal. Pessoas físicas e jurídicas com pendências no DAS ou no Imposto de Renda não serão afetadas. 4 - Quais mudanças não serão mais permitidas? A medida definiu que chaves Pix do tipo email não podem mais ser alteradas. O recurso passa a ser exclusivo de chaves do tipo número de celular. (...) (Folha de S. Paulo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

EDITORIAL

O coração das escolas de samba

Quando os holofotes da Marquês de Sapucaí e do Anhembi se acendem e o espetáculo das escolas de samba toma conta do Carnaval, é fácil se deslumbrar com as alegorias suntuosas, as fantasias deslumbrantes e o ritmo contagiante da bateria, além do cantar com garra e emocionado de todos os integrantes de agremiações. Mas por trás desse show que encanta a todos, há um elemento essencial que muitas vezes não recebe o devido reconhecimento: a comunidade. São os componentes das alas que, com muita dedicação, e, claro, muita paixão, dão vida ao desfile e transformam o desfile em um espetáculo inesquecível.

O verdadeiro coração das escolas de samba bate nos barcos, nas quadras e nas ruas das comunidades que se envolvem o ano inteiro na preparação do desfile. São costureiras, ferreiros, escultores e tantos outros artistas anônimos que criam a magia do Carnaval. Mas são também os milhares de integrantes das alas que, longe dos holofotes, ensaiam incansavelmente, cantam com a alma e desfilam com orgulho, levando no peito o amor por suas escolas, isso se concretiza no que vimos nos últimos dias, seja pessoalmente nos sambódromos, quanto pela televisão. O que vimos não foi somente o destaque da rainha de bateria ou a paradinha da bateria, além

do espetáculo à parte da comissão de frente, mas sim um mar de gente apaixonada por aquilo e que estavam lá por amor ao pavilhão que segue.

Cada ala que cruza a avenida representa uma história, um sonho coletivo, um pedaço da identidade de um povo que encontra no samba a sua voz. Eles não são apenas figurantes de um espetáculo, mas protagonistas de uma manifestação cultural que resiste e se reinventa ano após ano. Quem estava mais próximo na avenida, principalmente nos camarotes, pôde sentir essa emoção e esse sentimento de perto. Uma garra na voz, e quando viam o público cantando junto?! Era mais uma comemoração.

Poucos devem saber o quanto elas esperam por esta época do ano. Trabalham arduamente, dia e noite, para fazer, cerca de 80 minutos, algo primoroso aos olhos de todos. Cada hora gasta para fazer a fantasia, um detalhe na alegoria, um adorno no tripé da comissão de frente merece o nosso aplauso

Por isso, valorizar essas pessoas vai além de aplaudir na arquibancada. É reconhecer que o Carnaval não existe sem elas. É entender que a cultura popular não pode ser esquecida quando os desfiles terminam. É enaltecer aqueles que, muitas vezes sem recursos, encontram na escola de samba um espaço de pertencimento, arte e alegria.

Bendito o que semeia livros

O poeta Castro Alves já dizia em seu poema “O Livro e a América”: “Ô bendito o que semeia livros, livros, à mão cheia/E manda o povo pensar!”. “O livro caindo n’alma”, dizia ainda Castro Alves, “É germe que faz a palma/É chuva que faz o mar”.

Lindo e necessário que tudo isso o que recomenda o grande poeta baiano aconteça desde a mais tenra infância. Que o tal “germe que faz a palma” seja plantado o mais cedo possível na mente de todos.

E é isso o que faz a Biblioteca Escolar Comunitária da 108 Sul, com seu projeto “Bebê que Lê”. Todas as terças e quintas-feiras, a biblioteca oferece oficina, com a participação de

30 crianças de 4 meses a 2 anos, divididas em três turminhas, justamente para desde cedo instigar nelas o hábito da leitura, o gosto e o prazer pelos livros.

Além da leitura dos livros, as oficinas falam de autores, ilustradores, de outros aspectos da literatura, não apenas para os bebês, mas também para as suas famílias. A idealizadora do projeto, Ana Leila Torquato, numa entrevista à Agência Brasília, comenta que as oficinas não têm estimulado apenas as crianças, mas também seus pais, que acabam saindo da biblioteca também levando livros para ler.

Bendita Ana Leila Torquato! Bendita a Biblioteca Escolar Comunitária!

Opinião do leitor

Seleção

Seleção precisa sair do atoleiro e engrenar um firme vencer ou vencer. A quinta colocação é assustadora. O torcedor espera que Neymar jogue bem. Fatalmente será bem marcado. Jamais terá moleza. A convocação foi boa. Atletas qualificados e consagrados em seus clubes.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONFERÊNCIA NAVAL DEVE SE ENCERRAR EM ABRIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de março de 1930 foram: Jornais londrinos divulgam que governo brasileiro estaria negociando

outro empréstimo com a Inglaterra. Manifestações comunistas são registradas em diversas países da Europa e nos Estados Unidos. Delegados da

Conferência Naval acreditam que trabalhos estarão se encerrando nos fins de abril. PRM divulga novas parciais em Minas.

HÁ 75 ANOS: TSE VAI OPINIAR SOBE UM NOVO PCB

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de março de 1950 foram: URSS recua em Berlim e já se cogita uma aliança franco-

-alemã. Bidault obtém nova vitória de voto de confiança no Congresso francês. TSE vai opinar se o novo PCB tem semelhanças jurídicas com

o antigo, que fora para a ilegalidade. Câmara dos Deputados se reunirá no fim de semana para eleger a Mesa Diretora.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.